

**INCLUIR SEM EXCLUIR O ALUNO DO AEE, DIÁLOGOS E  
EXPERIÊNCIAS NA BIBLIOTECA E EM SALA DE AEE NA E.E.E.F.M.  
JOVELINA GOMES-UIRAÚNA-PB**

**Autor (1): Christianne Nogueira Donato Formiga; Coautor (1): Luane dos Santos Diniz;  
Coautor (2): Maria Zilda Medeiros da Silva; Coautor (3): Marcia Geam Oliveira Alves;  
Coautor (4); Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Rosilene Felix Mamede**

**Resumo:** Este trabalho terá o objetivo de relatar as experiências inclusivas da prática desenvolvida na escola **E.E.E.F.M. Jovelina Gomes-Uiraúna-PB**. A inclusão escolar de alunos com deficiências na aprendizagem, como forma de atender à necessidade da comunidade na escola fazendo parte da sua demanda escolar, é um constante desafio, para o corpo docente e os discentes atendidos na E.E.E.F.M. Jovelina Gomes-Uiraúna-PB. Como incluir sem excluir ao aluno do AEE, proporcionar a sua socialização destes alunos com os ditos normais. Nesse contexto iremos descrever acerca do trabalho desenvolvido na biblioteca como uma consonância, ou complementação da sala do AEE, na biblioteca os alunos no geral resolvem suas atividades passadas em sala de aula do ensino regular, pois, todos nós sabemos, que o ensino do AEE, e escola possui uma sala multifuncional onde os alunos fazem suas atividades convencionais, porém utilizam a biblioteca, também para fazer seus trabalhos e leituras, pois, se sentem mais acolhidos e menos expostos, pois na sua maioria são muito tímidos e para evitar bullying preferem fazer as suas atividades na biblioteca, A escola oferece também a EJA, no período da noite e o PROJOVEM URBANO, de manhã os anos 3<sup>o</sup>,4<sup>o</sup>,5<sup>o</sup>, os chamados anos iniciais, ou primeiros saberes da infância, e o ensino regular de 6<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup> ano do ensino regular. O presente trabalho esta sendo desenvolvido ao longo de do ano de 2017/ 2018, tendo como objeto de estudos alunos atendidos no AEE, No turno da tarde com os seguintes transtornos: Retardo Mental Leve, Dislexia, Déficit de Atenção, transtorno de aprendizagem, Hiperatividade, Deficiência Intelectual.

**Palavras Chaves:** Inclusão, Deficiências, biblioteca, AEE.

## INTRODUÇÃO

Falar sobre Incluir sem excluir aos alunos da E.E. E. F. M. Jovelina Gomes-Uiraúna-PB. Tem se tornado motivo de debates e discussões. É notório tratar-se de uma temática que desperta interesse da sociedade e, sobretudo, da comunidade na qual estes estudantes estão inseridos.

Neste contexto, iremos descrever acerca desse trabalho que está sendo desenvolvido na biblioteca e na sala do AEE, na referida escola supracitada, em consonância com a sala do AEE, que conta atualmente com (04) alunos que utilizam a biblioteca. A referida escola funciona nos três turnos e oferece, nos turnos matutino e vespertino o Ensino Fundamental I e II, com turmas respectivamente e no período noturno, a modalidade Educação de Jovens e Adultos, e turmas com o PROJOVEM URBANO. A escola conta com uma demanda de bastante diversificada, recebendo estudantes da Quixaba de Cima e de Baixo, Olho d'água, Olho d'água seco, município de Luís Gomes –RN, haja vista que é fronteira com São João Do Rio Do Peixe- PB, Ceará, Luís Gomes- RN, diversos bairros de Natal e de cidades da região metropolitana, como Extremoz e São Gonçalo do Amarante. A escola também possui alta demanda em relação a matrícula de alunos com Necessidades Educativas Especiais, entre os quais, alunos com Autismo, Deficiência Intelectual, Síndrome de Down, Transtorno Global do Desenvolvimento, Paralisia Cerebral, Dislexia, Transtornos de Aprendizagem, entre outros.

Na perspectiva de garantir o acesso e permanência, bem como a continuidade nos estudos, de pessoas com deficiência ou necessidades educativas especiais nas salas de aula regulares, o Ministério da Educação, no âmbito das políticas públicas voltadas a Educação Especial, resolve implementar o Atendimento Educacional Especializado na escola regular, através da Resolução CNE/CEB N°4, de 2009. Nesse sentido, o AEE possui natureza complementar e/ou suplementar, tendo como público alvo alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superlotação. Conforme a referida Resolução, o Atendimento Educacional Especializado deve acontecer na Sala do AEE ou em Centros de Atendimento Educacional Especializado da Rede Pública, e deve ser um suporte, na medida em que busca eliminar e/ou amenizar entraves e barreiras interpostas entre o sujeito inserido na escola e o conhecimento.

No quesito de acessibilidade a escola trabalhada possui (01) banheiro adaptado, as salas são com portas alargadas, caso haja algum estudante com necessidade especial, existe,

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

ou seja, que precise utilizar cadeiras de rodas, que não é o caso pois os alunos aqui trabalhados neste artigo atingem um público pequeno.

No intuito de contribuir com a aprendizagem dos alunos, o professor do AEE, além de trabalhar com os demais professores tem que ser parceiro com a biblioteca também que está ali no intuito de auxiliá-la, dando um suporte ao professor do AEE, e os demais da escola estudada. Entretanto, essa ponte nem sempre é construída de maneira satisfatória, pois as posturas adotadas pelos professores das salas regulares, sobretudo aquelas em que não há um professor de educação especial para auxiliar os estudantes, muitas vezes é de distanciamento e de resistência, no sentido de fazer atividades adaptadas para estes estudantes, bem como adaptações curriculares e avaliações adaptadas.

## **1.1 OBJETIVOS**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Este trabalho tem o intuito de relatar a experiência vivenciada no ano de 2017,/2018 com os estudantes atendidos no AEE, e na biblioteca desta escola.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- Compartilhar vivências que possam promover a inclusão de alunos com deficiência no espaço escolar., utilizando o espaço da biblioteca para consolidar a aprendizagem na sala do AEE.
- Mostrar que o Atendimento Educacional Especializado possui natureza complementar e/ou suplementar para o desenvolvimento dos estudantes do AEE e não tem caráter substituto da sala regular.
- Demonstrar que, no contexto da diversidade, as singularidades de cada ser, as especificidades, a complexidade e heterogeneidade das aprendizagens devem ser respeitadas, para que a inclusão aconteça no espaço inclusivo na própria escola.
- Socializar a experiência do AEE na biblioteca, mostrando sua funcionalidade no âmbito escolar.

## **2. METODOLOGIA**

O presente trabalho foi desenvolvido ao longo do ano de 2017 e tendo continuidade em 2018 na referida escola supracitada, tendo como objeto de estudo 04 (quatro) alunos entre 12 (doze) e 16 (dezesesseis anos), atendidos no AEE, no turno vespertino, na escola citada anteriormente, entre os quais: 01(um) estudante com Hiperatividade, 02(dois) com Deficiência Intelectual e 01(um) estudante com Transtorno de Aprendizagem e de Comportamento.

No decorrer do ano letivo de 2017, e o corrente ano estão sendo registrados também os atendimentos e intervenções realizados na Sala do AEE foram devidamente registrados, diariamente, em cadernos da professora e de cada aluno individualmente. Inicialmente, foram feitas entrevistas com os pais dos alunos, acerca das especificidades de cada um, do desenvolvimento motor, da fala, social e afetivo, a fim de obter dados acerca do diagnóstico médico, das medicações e seus efeitos, dos acompanhamentos que fazem com outros profissionais para além da escola. Também foram feitos registros fotográficos.

Dessa forma, os atendimentos, que acontecem no contra turno, foram realizados individualmente, com duração de 50 (cinquenta) minutos, duas vezes por semana, como também, em pequenos grupos, de três até no máximo quatro alunos, para não comprometer a qualidade e ao mesmo tempo, propiciar momentos de interação entre os alunos, visando o desenvolvimento sócio afetivo dos mesmos. Entretanto, dadas as particularidades de cada estudante, é recomendado, em determinadas condições, como o aluno com Hiperatividade, por exemplo, que o Atendimento aconteça de forma individual. Assim, foram utilizados vários recursos, entre os quais: jogos matemáticos e de alfabetização, recursos tecnológicos (notebook), oficinas de Artes, materiais recicláveis, em como diversos outros materiais pertinentes a cada situação de aprendizagem. A partir do diagnóstico inicial do alunado, elaboramos o Plano de Atendimento Individualizado, instrumental padrão para todas as Salas do AEE (Atendimento Educacional Especializado) à Secretaria de Educação e Cultura do Estado Da Paraíba, representado através da FUNAD – FUNDAÇÃO CENTRO INTEGRADO DE APOIO AO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA- é um órgão do governo do Estado da Paraíba ,vinculada a secretaria de Estado da Educação, referência no serviço de habilitação e reabilitação que dá suporte ao nosso Estado há todo tipo de deficiências. O aluno será trabalhado a partir do diagnóstico da aprendizagem e das necessidades de cada aluno, passamos a equipe da escola realizará as intervenções planejadas, acompanhando o desenvolvimento de cada alunado, fazendo os ajustes necessários no Plano de aula , no decorrer do ano letivo da sala de AEE ,na escola existe um prontuário do aluno, que especifica a sua deficiência que será sendo trabalhada como professor do AEE.É importante 21ª

triagem realizada na própria escola em consonância com a FUNAD, E A 9ª Gerência de Ensino, encaminhada a Cajazeiras- PB.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para embasar o trabalho desenvolvido na Sala do AEE, a secretaria da Educação, através da 9ª Gerência de Ensino em Cajazeiras promove encontros mensais com os professores do AEE (ou de acordo com demandas específicas, variando a frequência) de formação continuada, ofertados na FUNAD- Fundação Nacional de Assistência a pessoa com deficiência, sendo este órgão responsável por esta continuidade na Capital, caso o aluno necessite.

No entanto, precisamos de aporte teórico para dar continuidade ao trabalho diário realizado, dada a complexidade das situações com as quais lidamos, da necessidade de se compreender esses sujeitos em sua totalidade, como ele aprende, quais as potencialidades e limites, qual o pensamento de autores contemporâneos que pensam a educação. Dessa forma, buscamos leituras de teóricos, entre as quais: Vygotsky, Cosenza. Almeida, entre outros, bem como documentos do Ministério da Educação – MEC.

### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado das intervenções foi muito positivo. Conseguimos obter avanços com os alunos, porém, como mencionado anteriormente, há muita resistência quanto a adaptação curricular por parte dos professores da sala regular e a presença e colaboração da família, que às vezes não obtemos de forma satisfatória.

Apresentaremos a seguir, breves relatos acerca do trabalho e algumas intervenções realizados.

**A1** – com 14(quatorze) anos, tem diagnóstico de Hidrocefalia com retardo mental e devido a um acidente onde a sua cabeça e seu corpo foram arremessados no chão teve traumatismo craniano. A sua cabeça não para de crescer, devido ao excesso de água da mesma. Segundo (sic) da sua avó ao qual hoje é a sua tutora. A sua família encontra-se em situação de vulnerabilidade social, mas, devido a este acidente com o aluno, hoje se encontra aposentado, deficiência, por isso foi encaminhado ao atendimento especializado. A família

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

mora em casa alugada e os seus pais biológicos tem origem humilde e o seu pai sofre de alcoolismo e a mãe deu para sua avó criar. O aluno dizia gostar de seu pai. Estes fatores podem interferir diretamente no aspecto emocional do aluno, impactando na aprendizagem. Mostra ser um menino com mudança de humor, ansioso, participativo nas aulas, porém muito quieto e agitado. Tudo se desconcentra, é atendido separadamente dependendo de seu humor. Segundo relatos da professora, ele não consegue se concentrar nas atividades e na maioria das vezes entra em conflito com colegas. De acordo com a sua avó em casa, não consegue se socializar, bate no irmão e tem hora que compartilha os brinquedos. Se dispersa com muita facilidade. Tudo é chato, se encontra em processo inicial de alfabetização, faz (01) um ano e meio e ele não escreve o próprio nome sem ajuda em decorrência do esquecimento ou comodismo, situação socioeconômica em que vive sua família, devido a sua aposentadoria. As Aulas (são duas vezes por semana, com duração de 50 (cinquenta minutos). As estratégias adotadas, priorizando o aspecto lúdico e o uso de jogos variados, pois, “a atividade lúdica envolve três funções: a socializadora (o papel da escola é promover a socialização e inclusão do alunado), a professora e psicopedagoga acompanha o retrocesso desse adolescente utiliza jogos educativos, trabalha a atividade psicomotora que é bastante debilitada ao realizar, pinturas, cobrir, recortar figuras com animais, apresenta as mãos trêmulas e mesmo assim realiza as tarefas. Fizemos oficinas de arte, com recorte e colagem, jogos de alfabetização, atividades com alfabeto móvel, entre outros. Tendo em vista o desenvolvimento de habilidades necessárias à aprendizagem, como a coordenação motora fina, concentração e atenção, áreas em que apresenta déficits acentuados. Dadas as condições adversas, o aluno não obteve avanços, sobretudo na concentração.

**A1** iniciou o AEE em abril/17 e em agosto, iniciou atendimento no colégio, o diagnóstico de deu através de um médico clínico, com uso de medicação, bem como passou a ser atendido no CAPS da cidade de Uiraúna –PB, sendo este centro responsável por sua medicação controlada, e quando tem suas crises o aluno costuma faltar. O atendimento do mesmo existe até hoje nunca foi interrompido. No que se refere à linguagem, é bastante comunicativo, porém é analfabeto, tem dificuldade, na escrita, a letra não é boa, sabe assinar o seu primeiro nome e o seu sobrenome, apresenta mãos trêmulas, o aluno está estagnado, não evolui, é o seu limite, por mais que insistimos, entende mas não evolui como deveria, assim, procurei trabalhar os seus limites, respeitando-o.

**A2** - O aluno A2 tem 16 anos, cursava o 6º ano. Por apresentar distúrbio de aprendizagem, segundo sua professora do ensino regular pois, fez sua triagem (03) A32, 322

Karla Formiga, o aluno de início se mostrou tímido, e muito nervoso, apresentava mudança de humor, falava muito em Deus, Não é muito assíduo, mas sempre fez tarefas propostas, fala muito, possui uma boa dicção, uma boa coordenação motora, mas não aprende a ler, as palavras por falta de atenção. é bastante eufórico. Ele participou da prova Brasil, estava otimista, porém sua ficha de encaminhamento não possui avaliações de médicos. Apresenta timidez acentuada, mas gosta de interagir estando em pequenos grupos. Porém, nos eventos na escola, mostrava-se retraído diante do grande grupo.

Na dimensão cognitiva, A2 não apresenta um desempenho bom na leitura e na escrita, não consegue ler. Em Matemática, porém, inicialmente apresentava bastante dificuldade para compreender os conceitos e conteúdos propostos na sala de aula regular, conforme relatado por sua mãe. Dessa forma, no plano de atendimento, priorizamos esta área de conhecimento, utilizando recursos pedagógicos como jogos diversos, material dourado, tabuada giratória da multiplicação (modelo em madeira, formato vertical), com a qual o aluno se identificou bastante, dominou das operações fundamentais, atividades com encartes de supermercado, calculadora, simulação de compras, entre outros, para auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem do estudante. Ao final do ano letivo, A2 não obteve avanços significativos, sendo aprovado para o 6º ano do fundamental. Os jogos foram priorizados como estratégia para desenvolver o raciocínio lógico, visto que A2 apresentava acentuada defasagem nesta área.

Assim, a medida em que vai realizando intervenções na Sala do AEE, a professora está construindo diálogos com os alunos, e estes, motivados e sentindo-se capazes, dialogam com a Inclusão escolar, à medida que trabalhava a sua timidez para poder alcançar resultados significativos no AEE, trabalhamos na perspectiva de ultrapassar barreiras respeitando sempre o seu limite apesar de não ter grandes avanços nas áreas em que o estudante apresenta déficits moderados ou severos que dificultem o seu avanço na sala regular, seja na aprendizagem, na interação com os professores ou os pares, na participação em atividades, na socialização, entre outros.

**A3** - O aluno A3 tem 14 anos, está matriculado no 3º no ensino regular e no AEE em horário oposto este aluno encontra-se sendo trabalhado com a psicopedagoga A Sra.: Josefa Sirderlei Batista da Silva, passou por essa triagem e apresentou um distúrbio de aprendizagem, em seu prontuário a psicopedagoga que fez sua triagem encaminhou para avaliação de um psiquiatra com acompanhamento de um psicólogo e um neurologista mas a família até os dias atuais nunca se interessou ou simplesmente não admite o problema do

filho, se encontra nesta escola frequentando o ensino regular e o AEE, é bastante assíduo e acompanhado na Biblioteca.

A3 Os pais do aluno são casados, mas são primos de 4º grau, a mãe alega que foi um sofrimento muito grande quando estava grávida e tomava muita medicação controlada. Por isso ele nasceu aparentemente normal, mas ele não é. Para Oliveira (2008, apud SILVA, 2014 p. 74) “a condição de deficiência intelectual não pode jamais predeterminar qual será o limite de desenvolvimento do indivíduo”, pois “a escola deve buscar valorizar, sobretudo, os acertos do aluno, trabalhando as suas potencialidades para que vença as dificuldades”. Possui acompanhamento no CAPS NA CIDADE DE Uiraúna-PB.

No aspecto sócio afetivo e emocional, A3 é um jovem agitado, tímido, quieto, fala demasiadamente, sem parar, fala muito em futebol. Ele é assim, no plano de atendimento, incluímos momentos individuais e coletivos, possibilitando ao mesmo interagir mais, soltar-se, ir perdendo a timidez.

No aspecto cognitivo, o aluno não apresenta boa leitura, nem boa escrita, sabe contar apesar da deficiência em português realiza operações que envolvem adição e subtração, porém com acentuado déficit nas demais operações. Devido às dificuldades na Matemática, esta área do conhecimento foi priorizada no seu Plano de Atendimento. As atividades foram desenvolvidas na perspectiva do uso de material concreto, para uma melhor assimilação, usando o material de EVA, material de sucata, jogos variados, com destaque para o Jogo do Dinheiro, com o qual o estudante se identificou bastante, trilha com conceitos matemáticos, dominou as operações, atividades com encartes de supermercado, simulação de situações de compra, uso da calculadora, entre outros recursos, o jogo encantado. O aluno mostra muito interesse por Artes, tendo um bom desempenho nesta área, gosta de pintar.

O pai do aluno relatou expectativas quanto à inserção do mesmo no mercado de trabalho. No mês de agosto, o aluno foi internado devido a um problema de saúde. Trocaram a medicação e o aluno ficava nervoso em sala, começou a faltar muita aula, pois dormia muito, sic da sua mãe. Como depende dele, A3 ficou sem frequentar a escola e a Sala do AEE quase dois meses. Fatos dessa natureza, que fogem ao controle, interferem na continuidade das ações que vinham sendo desenvolvidas com o aluno. Atualmente faz acompanhamento com outros profissionais, no CAPS na cidade de Uiraúna-PB, embora tenha passado por várias avaliações durante esse tempo, continua sendo tratado é aposentado.

**A4** - O aluno A4 tem 16 anos e está matriculado no 6º ano. Ela é uma aluna que foi encaminhada ao AEE, (ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO), por ser portadora de retardo mental. Com base na Lei 9.394/96 da LDBEM, Cap V na qual ampara



os alunos com necessidades educacionais para que possa cursar o ano com algumas flexibilizações nos objetivos e conteúdo. Mas o diagnóstico só veio aos 08 anos de idade. A4 ficou dos 08 (oito) aos 11 (onze) anos sem estudar. A pedido da professora auxiliar, o foco do atendimento deveria ser o desenvolvimento de habilidades ligadas à coordenação motora grossa e fina. Assim, foram desenvolvidas com A4 diversas atividades de Artes, utilizando materiais variados - cartolina, EVA, conchinhas da praia para confecção de quadros, mosaico com papel, areia, tinta guache, entre outros. Também foram usadas músicas e dança do seu interesse, explorando a expressão corporal do aluno. Em termos de Linguagem oral, A4 gosta muito de cantar, especialmente músicas da Xuxa, porém há dias em que não fala uma única palavra. Entretanto, ele evoluiu neste aspecto. Utilizamos recursos (os que tínhamos disponível) para estimular a fala, como livros paradidáticos, aproveitando as imagens e o teclado do computador, recurso pelo qual tem muito interesse. Gosta de digitar o próprio nome, as letras do alfabeto em sequência correta e números até 100, também na sequência. Em termos de socialização, evoluiu muito, pois no início do ano A4 não entrava na SRM, e com o tempo passou a não mais querer sair, bem como, aceitar que outros estudantes ficassem na sala junto com ele. Passamos pelo processo de conquista, em que se torna imprescindível não tentar forçar o estudante, deixando-o a vontade, mantendo a sala silenciosa, visto que é muito sensível a ruídos. Com esses pequenos detalhes adotados, ele adaptou-se rapidamente, pois no início rejeitava a presença de outras pessoas na sala, ficava agitado e começava a gritar. Apresenta baixa tolerância a frustrações. Mostra-se impaciente, não quer esperar. Estes aspectos precisam ser melhor trabalhados no aluno, em casa principalmente. É carinhoso, abraça, mas pode se tornar agressivo se for contrariado.

**A5** - O aluno A5 tem 12 anos, está matriculado no 6º ano. Segundo o laudo médico, tem Disritmia cerebral e Transtorno Global do Desenvolvimento, CID F 84 + G 09. Conforme relatado por sua mãe, o estudante tem uma perda auditiva de quase 100% no lado esquerdo, em decorrência de sífilis congênita. Toma a medicação Neuleptil à noite. É acompanhado na APAE por equipe multidisciplinar. Demorou a falar (aos 03 anos) e também demorou a andar, pois não firmava as pernas no chão, necessitando de fisioterapia à época.

No aspecto sócio afetivo, demonstra ser tímido e retraído no convívio com os colegas de turma, também tem dificuldade para seguir regras e normas. Esse comportamento do aluno pode estar associado, em parte, a mudanças pelas quais passou este ano, como a mudança de cidade, de escola e a transição do 5º para o 6º ano. Foram muitas mudanças para assimilar, que podem ter afetado sua adaptação e desempenho escolar.

No aspecto cognitivo, tem uma linguagem oral bem desenvolvida, porém com vocabulário limitado. Está em processo de alfabetização, consegue ler textos curtos, mas sente dificuldade na leitura de palavras desconhecidas e sílabas complexas (não canônicas). Em Matemática, realiza operações simples de adição e subtração, tão somente, compreende conceitos simples, porém, no geral, apresenta déficit significativo nesta área do conhecimento, bem como no aspecto sócio afetivo e emocional, sendo este o foco do seu Plano de Atendimento. Após o recesso junino, o estudante não retornou à SRM e ficou frequentando esporadicamente a sala regular, bem como, passou a apresentar um comportamento agressivo. A mãe do estudante justificou que ele não estava querendo ir à escola e que não estava tomando a medicação para epilepsia há alguns meses, embora tivesse sido alertada sobre a importância de seguir o tratamento, alegou não conseguir receita médica para comprá-lo. Deixou de frequentar a escola em meados de outubro, retornando à mesma com a mãe no mês de dezembro para saber se “tinha sido aprovado”. Devido em grande parte à frequência irregular, a adaptação e falta de medicação, o estudante não obteve avanços perceptíveis.

**A6 - A** aluna A6 tem 16 anos, é matriculada no 6º, com histórico de dificuldade de aprendizagem, porém sem laudo. Tem aversão a sala de aula regular. Apresenta comportamento instável. Tem dois irmãos com necessidades especiais. A mãe da aluna, na ânsia de dar o melhor e defendê-la de certos dissabores, acaba superprotegendo-a, tomando decisões em seu lugar, interferindo no desenvolvimento da autonomia.

No aspecto afetivo e de socialização, a estudante tem oscilação de humor frequente. Há dias em que chega muito calada e séria na escola e quando perguntada sobre a razão para estar assim, apenas responde com um “nada”. E costuma ficar assim o tempo todo. No outro dia, chega totalmente diferente: alegre, sorridente, disposta a fazer atividades, carinhosa com os colegas que estiverem na sala, abraçando-os, inclusive e muito falante. Ela passou por psiquiatra em meados de outubro, mas não tem ainda diagnóstico fechado. Porém, em uma declaração enviada à escola pelo médico, o profissional destacou que a referida aluna tem dificuldades de aprendizagem associada a problemas comportamentais.

Na dimensão cognitiva, foi constatado que a aluna apresenta dificuldade moderada na aprendizagem da leitura, escrita e Matemática. Dessa forma, no plano de atendimento, foram priorizadas essas duas áreas do conhecimento. O trabalho com essa aluna foi desenvolvido na perspectiva de melhorar o desempenho escolar, a concentração, atenção e raciocínio lógico. A conquista da aluna se deu com as atividades de Artes, percebemos que ela se envolveu bastante, passou a interagir com os outros, se soltou mais, pois no início era muito fechada. Em Língua Portuguesa e Matemática, foram utilizados recursos lúdicos, como jogos diversos,

Jogo do Dinheiro, em momentos de atendimento coletivo, jogo da memória, dominó das operações fundamentais, tabuada giratória, calculadora, material dourado, notebook, jogos de alfabetização com sílabas e formação de palavras, alfabeto móvel, encartes de supermercado, entre outros. Um momento muito significativo foi uma aula de campo que fizemos em um supermercado de uma grande rede da cidade, que fica no mesmo bairro da escola. Reunimos um grupo de três alunos e fomos fazer uma pesquisa de preços dos produtos juninos, na época do São João. Depois o grupo fez simulação de receitas e cálculos (na calculadora) de quanto gastariam se fossem fazer aquela receita. No decorrer do ano, a aluna obteve avanços significativos, tanto na aprendizagem, quando no aspecto afetivo-emocional, porém mostra-se muito ansiosa e tem baixa tolerância para erros e frustrações, querendo logo desistir diante das dificuldades que se apresentam. Baixa autoestima também é uma característica da aluna, que precisa ser trabalhada e desenvolver autoconfiança. Segundo Cosenza, “as emoções precisam, ser consideradas nos processos educacionais. É importante que o ambiente escolar seja planejado de forma a mobilizar as emoções positivas (entusiasmo, curiosidade, envolvimento [...])” (2011, p. 84). Ainda segundo o autor, emoções negativas como ansiedade, apatia, medo, frustração, devem ser evitadas para que não perturbem a aprendizagem (2011). Intercalamos o atendimento individual e em grupo, para promover a interação e socialização da aluna com outros sujeitos. O resultado foi bastante satisfatório, pois de acordo com Almeida, “os aspectos emocionais que envolvem as execuções mecânicas precisam ser alinhados e fundamentados em práticas de socialização e humanização (2014, p. 28)”.

A7 - O aluno A7 tem 12 anos e está matriculado no 4º ano. Frequentou a SRM de março até o mês de julho e saiu para praticar natação na AABB, e os horários ficaram incompatíveis. Atualmente, A7 passa por um momento difícil na escola, em que não consegue interagir, nem permanecer na sala de aula, age de forma agressiva com os colegas e professoras. Quanto à oralidade, A7 fala pouco, mas gosta muito de cantar, sempre chegava cantando na sala. Segundo Vigotski (2007, p. 28), a fala da criança pode reorganizar o campo visual-espacial, tornando a atenção dessa criança mais dinâmica. Dadas as peculiaridades do autismo, foi difícil desenvolver as atividades planejadas com o aluno, pois ele estava se comportando de uma forma muito introspectiva, muito retraída, sem querer interação. Infelizmente, na tentativa de propiciar o melhor para A7, a família acabou superprotegendo-o, o que acarretou prejuízos ao desenvolvimento da sua autonomia, que precisa ser trabalhada. Ele costumava desarrumar os livros do cantinho da leitura, deixando-os no chão. Então descobrimos, em conversa com a sua avó, que em casa “ele faz do mesmo jeito, deixa os brinquedos espalhados pela casa”. Então, orientamos sobre a importância de estabelecer

hábitos de organização de brinquedos e objetos que usa em casa, a rotina, a autonomia no trato pessoal e cuidados pessoais, entre outros.

A8 - O aluno tem 21 anos e está matriculado na EJA. Ele tem Síndrome de Down, não é alfabetizado. Sempre estudou em escola regular até o 4º ano, quando rejeitou a escola, ainda na adolescência, e parou de frequentar. Após o recesso de julho, A8 passou 02 meses sem frequentar a SRM, do ponto de vista da afetividade e socialização, A8 é um jovem muito tímido, fala pouquíssimo, apenas quando estimulado.

Percebe-se que a mãe de A8 superprotege-o, conduta que pode interferir, em parte, no desenvolvimento do estudante. A8 é acompanhado por uma equipe multidisciplinar no GAS – Grupo de Atendimento Socioeducativo, onde ele é assistido por pedagogas, psicóloga, fonoaudióloga e psicopedagoga.

No aspecto cognitivo, A8 apresenta um comprometimento moderado, inclusive na parte motora, com dificuldade para segurar o lápis e desenhar o traçado das letras. Troca os nomes de algumas cores, conta até 10, com ajuda e reconhece algumas letras do alfabeto. Do seu nome, escreve de forma legível apenas a letra A, porém com traçado irregular e tamanho desproporcional (muito grande), necessita de comandos para realizar as atividades. No plano de atendimento, priorizamos atividades para desenvolver a atenção e concentração, como também, a coordenação motora – oficinas de Artes com recorte, colagem, mosaicos, pintura com lápis de cor, giz de cera, tinta guache e jogos, como dominó de associações de ideias, quebra-cabeça, caixa tátil, digitação do nome no notebook, entre outros. Além da Síndrome de Down, o laudo médico menciona um retardo mental no estudante.

## CONCLUSÃO

O AEE nos oferece muitos desafios e conquistas. Entretanto, falta, não somente nas escolas, mas na sociedade como um todo, um olhar sensível, acolhedor, para com as diferenças e os diferentes. É preciso aceitar e valorizar o tempo de cada ser, as potencialidades que estes estudantes com necessidades especiais possuem, respeitando as peculiaridades de cada deficiência, e, portanto, respeitando este sujeito, que é um cidadão de direitos. Dessa forma, é possível a inclusão escolar acontecer.

São muitos desafios e também muitas conquistas. Conquistas no sentido de ver a evolução dos alunos, mesmo que às vezes as consideremos pequenas, são muito valiosas para a vida destes jovens meninos e meninas, e também adultos, que atendemos na SRM, pois vivemos em uma sociedade que ainda precisa evoluir muito no quesito inclusão.

As instituições escolares, ao reproduzirem constantemente o modelo tradicional, não tem demonstrado condições de responder aos desafios da inclusão social e do acolhimento as diferenças, nem de promover aprendizagens necessárias a vida em sociedade [...]. (MANTOAN, 2006, p. 27)

Infelizmente, há na própria escola, entre a maioria dos professores das salas regulares, sobretudo os que lecionam disciplinas específicas do Ensino Fundamental II, uma resistência muito grande em fazer adaptação curricular e avaliações adaptadas para os estudantes com necessidades específicas. Qual a percepção destes professores acerca dos alunos especiais? Questionamentos do tipo: “o que esse menino vai aprender?”, “e ele aprende alguma coisa?”, “ele vai socializar o que, se mandou fazer trabalho em grupo e ele fica lá parado?”, “são muitos alunos na sala, não tenho como dar atenção a ele” não são incomuns. De fato, o ideal seria que, para cada sala de aula em que houvesse um estudante com NEE, contasse com o apoio de um professor auxiliar. Esse apoio faria uma grande diferença. Mas como não é possível, trabalhamos com os recursos dos quais dispomos. Falta, não somente nas escolas, mas na sociedade como um todo, percebemos, um olhar sensível, acolhedor, para com as diferenças e os diferentes. Afinal, não está escrito em nenhum manual de psicologia, neurociências, ou outra área, enfim, que as pessoas são iguais e devem agir umas conforme as outras, seguindo padrões de conduta, comportamento e aprendizagem socialmente aceitos e valorizados. É preciso aceitar e valorizar o tempo de cada ser, as potencialidades que estes estudantes com necessidades especiais possuem, respeitando as peculiaridades de cada deficiência, de cada ser e, portanto, respeitando esse sujeito, que é um cidadão de direitos.

Apesar das conquistas que tivemos até o momento, em termos de leis que asseguram a Educação Especial, ainda temos muito a alcançar. Destacamos, o apoio da família e a parceria família/escola como sendo, também, importantíssimo para o desenvolvimento destes estudantes. Mas infelizmente, as vezes as famílias não colaboram, não procuram ajuda médica, interrompem o tratamento dos filhos. Enfim, são muitos entraves que podem impedir ou dificultar o processo de inserção e permanência destes estudantes nas escolas regulares e conseqüentemente, na vida em sociedade.

## REFERENCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Teoria e pratica em Psicomotricidade: jogos, atividades lúdicas, expressão corporal e brincadeiras infantis**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

BRASIL. **Ministério da Educação**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 04, de 02 de outubro de 2009: Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, Modalidade Educação Especial.

COSENZA, Ramon M. GUERRA, Leonor B. **Neurociência e Educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERREIRA, Marcia. **Ação psicopedagógica na sala de aula: uma questão de inclusão**. São Paulo: Paulus, 2001.

MANTOAN, M.T.E. . **Compreendendo a deficiência mental: Novos caminhos educacionais**. São Paulo: Scipione, 1988.

\_\_\_\_\_; PRIETO, R. G. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. Valeria Amorim Arantes, org. São Paulo: Summus, 2006.

SILVA, Luzia Guacira dos Santos. **Educação Inclusiva: pratica pedagógica para uma escola sem exclusões**. São Paulo: Paulinas, 2014.

VYGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Org. Michael Cole; tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Mena Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.